

## EDUCAÇÃO SEXUAL: JOGO EDUCATIVO PARA APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

## SEX EDUCATION: EDUCATIONAL GAME FOR THE LEARNING OF STUDENTS WITH INTELLECTUAL DISABILITIES

Andréia Santiago Vieira<sup>1</sup>  
Haydéa Maria Marino de Sant'Anna Reis<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo apresenta o recorte de uma dissertação de Mestrado que teve como objetivo a construção de um produto educacional configurado como jogo educativo baseado em questões de Educação Sexual em face à demanda do público de jovens e adultos com Deficiência Intelectual de uma escola da Baixada Fluminense/RJ. Essa temática vinculou-se ao exercício da cidadania quando propôs a discussão acerca de conceitos relativos às etapas de vida humana. Nesse sentido foram incluídos no conteúdo do jogo temas como higiene e alimentação, autocuidado e educação para a sexualidade considerando nesse universo valores como: respeito às diferenças, escolhas pessoais e respeito por si próprio. Aferiu-se alguns resultados como vocabulário reduzido quanto às nomenclaturas e terminologias científicas relacionadas ao corpo humano. Observou-se que as pessoas inseridas no público alvo da pesquisa sentem necessidade de serem ouvidas sobre suas inquietações, oriundas da adolescência e da vida adulta. Fato que apontou tanto para a questão de uma demanda que necessita ser revista frente ao ensino desta população quanto à urgência em desmistificar o senso comum emanante da comunidade escolar.

**Palavras-chave:** Educação Sexual. Jogo Educativo. Deficiência Intelectual.

### Abstract

This article presents the cut of a Master's thesis that had as objective the construction of an Educational Product configured as an educational game based on issues of Sexual Education in face of the demand from the public of youngsters and adults with Intellectual Disability of a school in the Baixada Fluminense / RJ. This theme was linked to the exercise of citizenship when it proposed the discussion about concepts related to the stages of human life. In this sense, themes such as hygiene and nutrition, self-care and education for sexuality were included in the content of the game, considering in this universe values such as: respect for differences, personal choices and respect for oneself. Some results were obtained as a reduced vocabulary regarding the nomenclatures and scientific terminologies related to the human body. It was observed that the people inserted in the target public of the research feel the need to be heard on their anxieties from adolescence and adult life. This fact pointed both to the question of a demand that needs to be revised in the face of the teaching of this population and the urgency to demystify the common sense emanating from the school community.

**Keywords:** Sexual Education. Youth and Adults. Intellectual Disability. Educational Game.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ensino das Ciências na Educação Básica - UNIGRANRIO.

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós Graduação em Ensino das Ciências na Educação Básica PPGEC– UNIGRANRIO

## Introdução

O advento da inclusão, motivado pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva - PNEE (BRASIL, 1994), ocasionou aumento das matrículas escolares. A permanência de pessoas que apresentam deficiências tornou-se, portanto, uma realidade constante e crescente na rede de ensino em todo território brasileiro. A proposta de construção de um produto educacional configurado como jogo educativo e sua aplicação ao público de jovens e adultos que apresentam deficiência intelectual de uma escola municipal da Baixada Fluminense/Rio de Janeiro, visando expor questões sobre educação em sexualidade, surge a partir da percepção a respeito das manifestações ocorridas em contexto escolar relativas a essa temática. Com o propósito de pulverizar/democratizar, por meio da informação, o ensino sobre questões relativas à Educação Sexual face ao público alvo da Educação Especial compreendidas em âmbito escolar e, por essa temática vincular-se ao exercício da cidadania, é que surgiu a necessidade de contribuir para a aprendizagem específica destas pessoas.

Nesta concepção, o ensino da tônica em cheque facultou questões que estavam vinculadas ao tema higiene e alimentação, autocuidado e sexualidade. O estudo compreende também que, levando em consideração que estamos abordando esse universo, acabamos nos direcionando para discussões a respeito do exercício da cidadania, independente se o aluno possui ou não uma deficiência. A partir do produto, nos propomos a desenvolver em sala de aula reflexões e debates acerca de conceitos alusivos às etapas da vida humana sendo percebido pelos alunos a obrigação de estabelecer novas condutas de responsabilidade sobre suas próprias vidas. Ainda sob este ângulo, buscou-se subsídios teóricos em bases de dados científicos como o SciELO (Scientific Electronic Library) e o Google Acadêmica. Buscamos identificar, de maneira retrospectiva, as produções específicas dos últimos cinco anos (2011-2015) que aludiram para assuntos que, concomitantemente abordaram a perspectiva da Educação Sexual em contexto escolar, voltada para pessoas jovens e adultas que apresentam deficiência intelectual.

Foi um trabalho que exigiu bastante atenção uma vez que os textos escolhidos deveriam mencionar o tema Educação Sexual trabalhado em contexto escolar e a deficiência intelectual não poderia estar associada a outras comorbidades. Os artigos foram analisados metodologicamente seguindo as visões da análise temática de Minayo (1994), sendo inicialmente procedida a leitura flutuante de todo acervo, a identificação dos eixos temáticos e aferidos seus respectivos núcleos de sentido (BASTOS; DESLANDES, 2005).

Após a realização da busca, teve-se a percepção da escassez de produções científicas voltadas a três elementos, a saber: Educação Sexual, Jogo Educativo e Deficiência Intelectual, que unidos em conceito congruente, pudessem compor uma proposta de ensino a partir do lúdico.

Diante desta realidade, percebemos essa fragilidade quanto ao volume de publicações, o que fez surgir então o interesse em buscar uma possibilidade de abordagem do tema Educação Sexual em contexto escolar haja vista que se tal assunto já é alvo de alteração para os envolvidos diretamente no cuidado e educação dos chamados alunos normais, quiçá para os considerados alunos especiais.

Pensando a realidade brasileira, mesmo as investigações sendo apenas uma amostra comparativa do que foi produzido em favor da melhoria da educação de pessoas com deficiência intelectual consideramos insuficientes os dados coletados, nos baseando em quantidade de produção acadêmica em língua portuguesa. Concordamos com as autoras Hoffmann e Chagas (1996) quando salientam que quando a sexualidade não é desenvolvida ou explorada pela pessoa ela acaba sendo análoga a uma sexualidade que não é reconhecida.

### **Metodologia do Produto Educacional**

Para a realização desta pesquisa optou-se por eleger o método de investigação denominado Pesquisa Participante que se inseriu no campo da pesquisa qualitativa de natureza investigativa e exploratória. A Pesquisa Participante refere-se antes, a uma “pesquisa da ação voltada para as necessidades básicas do indivíduo” (HUYNH, s.d. apud BORDA, 1981, p. 43).

Os procedimentos preliminares adotados foram de cunho protocolar e estiveram de acordo com as normas da Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde de 12/12/2012. Foram executados após ser efetivado o Documento de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa/Unigranrio, sob o CAAE Nº 55765316.6.0000.5283. Não há riscos eminentes nessa pesquisa. Todas as proteções de natureza ética, moral e física foram providenciadas para que os sujeitos e/ou as pesquisadoras pudessem ter total integridade antes, durante e depois da realização da mesma.

Para chegar ao produto educacional configurado em forma de jogo educativo, denominado “Caminho da Vida”, apontamos previamente para um percurso que contou com 3 (três) Fases.

A primeira Fase correspondeu às *praxes* para execução no campo de pesquisa, do esclarecimento da proposta da mesma, da ciência acerca da concordância a ser concedida durante a reunião com os responsáveis. Considerando que alguns dos partícipes da turma pesquisada possuem maioridade civil, ainda não lhes foi concedida emancipação por parte de quem é responsável pelo seu cuidado. Assim, articulou-se a estratégia da reunião de pais/responsáveis para colher assinaturas. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE foi assinado pelos responsáveis de modo individual.

A segunda Fase contou com duas aulas nas quais aferiu-se quais tipos de conhecimentos prévios tais alunos conheciam e, ainda por meio de suas falas, esta sondagem possibilitou apurar questões que lhes eram caras e necessárias para a consolidação da autonomia. Esta fase conferiu auxílio e organização ao manejo do pensamento desta amostra populacional quando as sugestões/opiniões foram categorizadas e interpretadas segundo a técnica chamada Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016), através das temáticas emergentes: Higiene/Alimentação, Autocuidado e Educação Sexual.

Ponderamos alguns aspectos formativos, relativos às demandas sociais, que de modo mais expressivo surgiram durante as circunstâncias das aulas. Foram dadas vez e voz a essas pessoas para expressar suas visões de mundo e de si próprias. Tal procedimento, também considerou que esse público, segundo a literatura especializada (PLETSCH et al., 2015), necessita de um ensino diferenciado com o propósito de potencializar o processo de aquisição de conhecimento e domínio de informações frente à Educação Sexual, favorecendo a escolarização com vistas ao desenvolvimento social.

A terceira Fase foi dedicada à aplicação e refinamento do jogo educativo com a oportunidade de sistematizar, de modo didático e lúdico, as informações vistas na fase anterior. Nesse interim fez todo sentido considerar elementos que constituíssem um caminho de conquistas da vida humana, pertencendo a este percurso o conceito de boa higiene e alimentação saudável na infância, o autocuidado na adolescência e a chegada da vida adulta.

Seguindo a trajetória do desenvolvimento da vida humana, as questões que envolvem a Educação Sexual foram apresentadas no momento da juventude. Dessa maneira, a construção de sentido foi favorável ao desencadeamento do raciocínio de pessoas que apresentam deficiência intelectual.

O público alvo da pesquisa contou com 12 (doze) alunos entre jovens e adultos com deficiência intelectual com faixa etária a partir de 15 (quinze) anos, sendo que 7 (sete) são do sexo feminino e 5 (cinco) do sexo masculino. Os alunos são participativos, assíduos e colaboradores mútuos e, de modo geral, têm razoável compreensão de mundo. Esta turma pertence ao quadro geral de turmas de uma escola municipal localizada na Baixada Fluminense/Rio de Janeiro.

## **Entrevistas**

Em cada discurso proferido pelos partícipes da pesquisa, encontramos relatos sendo contados a partir de diversas dimensões. Podemos aceitar que são dimensões sócio-históricoculturais e seus contextos perpassaram pela formação religiosa, pelo consenso comportamental,

pela cultura familiar e local e pela abrangência de conhecimentos adquiridos/assimilados durante o período de escolarização. Todos se constituindo enquanto realidade de impedimento à democratização das informações atinentes à Educação Sexual. Partindo desta observação, fizemos recortes das falas desses participantes e seus responsáveis, durante a primeira e segunda Fases, selecionando o que disseram a respeito do interesse pela pesquisa.

As mesmas foram articuladas de modo espontâneo e em momentos distintos, ou seja, sem interferências dos alunos em relação à fala dos responsáveis e vice e versa, o que leva a crer que essas falas são mais próximas dos sentimentos desses sujeitos, que as representam.

As narrativas apresentadas a seguir não pretendem esgotar os modelos existentes mas, destinam-se a ser uma breve explanação sobre conceitos que estão enraizados socialmente face a conjuntura do ensino de Educação Sexual para pessoas que apresentam deficiência intelectual.

Na primeira Fase indagou-se o que responsáveis compreendiam acerca da Educação Sexual para pessoas com deficiência intelectual. Sobre o comportamento dos filhos/tutelados/as assim se pronunciou um deles:

Eu já escutei dizer que estas ‘crianças’ têm uma sexualidade mais ... maior, né? (Responsável 1)

No imaginário coletivo têm-se que pessoas com deficiência intelectual, por algum motivo que ainda não foi revelado, manifestam sua sexualidade de modo mais excessivo. Discorrendo sobre esta circunstância Figueiró (2004) desmistifica explicando que,

não significa que possuem a sexualidade exacerbada; sua sexualidade em nada difere das demais pessoas; é que, para muitos, é uma das poucas formas de obter gratificações e prazer, já que suas demais possibilidades de consegui-los são extremamente limitadas. (FIGUEIRÓ, 2004, p. 16)

Destinamos a 2ª Fase para entender quais conceitos esses sujeitos traziam do seio familiar para a escola. Supomos que os participantes da pesquisa tinham conhecimentos latentes a respeito da temática muito embora, a princípio, a preocupação não estava instalada na quantidade ou na qualidade das informações mas, apenas, se o que se apresentava, indicava pertinência com o desenvolvimento da pesquisa.

Para nortear o momento, foram dirigidas 2 (duas) perguntas sobre higiene aos alunos. A primeira delas indagava o que os mesmos entendiam sobre higiene. A seguir, apresentamos algumas respostas obtidas:

É uma coisa boa, eu aprendi aqui na escola. Quando a gente toma banho e sai de casa e fica cheiroso por todo lugar na rua. Essas coisas todas. (Aluno 1)

É, meu pai que me ensinou e até hoje eu sei fazer. Eu me ensaboo todo, eu me esfrego todo. Meu pai já me ensinou desde pequeno então, eu não preciso mais porque, eu já aprendi. (Aluno 2)

Na categoria higiene, podemos entender que os alunos 1(um) e 2 (dois) trazem em sua bagagem formativa e social, conceitos já consolidados sobre o tema e também por estarem inseridos em contexto escolar há vários anos. Destaca-se que a escolarização do aluno com deficiência intelectual deve ser iniciada ao mesmo tempo que os demais alunos que ingressam na educação básica.

Identificamos que o aluno 2 (dois) é mais estimulado e consegue absorver mais informações sobre higiene que os outros alunos. Ressaltamos a valiosa participação da família na construção de hábitos e atitudes pessoais e sociais destes indivíduos.

Considerando, ainda, os conteúdos abordados, indagamos: Vocês sabem o que é parte íntima de um corpo? Vocês precisam de ajuda para saber como higienizar corretamente as partes íntimas do corpo?

Na sequência, para a análise realizada a respeito das perguntas levou-se em consideração a compreensão que cada sujeito manifestou inclusive, em referência à comunicação não verbal. No momento da resposta houve, praticamente, um consenso dos alunos. Sinalizaram suas respostas com linguagem corporal dando o entendimento de que sabiam o que havia sido perguntado e, então, balançaram a cabeça dando conformidade à simbologia da palavra “sim”.

A análise apurada das respostas recebidas assegurou que tais alunos traziam algum conhecimento, tanto quanto dúvidas sobre questões ligadas a sexualidade, ainda não reveladas. Percebeu-se, nitidamente, um rubor nos rostos e algumas terminologias fora do padrão científico foram ditas.

Ao serem indagados se sabiam as palavras segundo as nomenclaturas utilizadas nos livros acadêmicos, disseram outras expressões populares. A circunstância relatada veio a consolidar que mesmo sendo um assunto próximo da realidade cotidiana, por ser parte integrante da vida, Pieczkowski (2014, p.1), nos “ditos” normais a absorção do conteúdo dessa natureza acontece quase que prontamente mas, que para o aluno com deficiência intelectual é necessário apresentá-los formalmente de modo prático, repetido e no feitiço contínuo (FIGUEIRÓ, 2006).

Quanto ao entendimento do sentido da palavra ‘autocuidado’ evidenciou-se relativa curiosidade e dificuldade por parte dos/as alunos/as em compreender esse conceito o que não foi demonstrado quando as palavras higiene e alimentação surgiram durante a dinâmica. Presumimos, então, que as palavras higiene e alimentação não tenham trazido a eles/as o desconforto porque as

associaram por um sentido absoluto, ou melhor, entenderam as palavras por um horizonte mais restrito.

No universo reflexivo desses alunos/as, o conceito das palavras higiene e alimentação não ganhou reverberação e desdobramento. Na palavra autocuidado, não sabiam conceituar porque esta não fazia parte da prática cotidiana e do vocabulário rotineiro destes. A impressão, face a este fato, indicou para a direção dos cuidados (autocuidado) serem exercidos por outras pessoas e não ou raramente por eles. A intervenção na fala a seguir, partiu de uma pergunta realizada pelos/as alunos/as e não da resposta, como de costume. Nessa linha, sobressaiu a mesma pergunta por 3 (três) vezes durante a dinâmica de mediação: “O que é autocuidado, professora?” (Aluno 8)

Mantoan (1998) reflete sobre o comportamento das pessoas com deficiência Intelectual. Destaca o quanto é necessário que as mesmas vivenciem situações problemáticas a fim de aprender a viver o desequilíbrio cognitivo e emocional objetivando o exercício de uma vida independente ao afirmar que:

Na maioria das vezes, elas percebem o esforço de adaptação como sendo não-gratificante e tornam-se dependentes e mesmo subordinadas a condutas, escolhas e respostas alheias. Nesse sentido, a atitude passiva de aceitação do meio escolar, que é largamente adotada pela escola e pela sociedade com relação às pessoas com deficiência mental, deve ser substituída por atitudes ativas e modificadoras. Elas precisam ser colocadas em situações problemáticas para aprender a viver o desequilíbrio cognitivo e emocional. Se os conflitos são evitados, como poderão chegar a uma tomada de consciência dos problemas a resolver e como testarão sua capacidade de enfrentá-los? A situação remete pois, a quadros conceituais e a paradigmas educacionais mais amplos, que estão sendo apontados como propostas para prover o meio escolar de condições favoráveis ao desenvolvimento da autonomia de alunos com deficiência mental. (MANTOAN, 1998, p.02)

O resultado da análise realizada constituiu a base para a elaboração do produto educacional, elemento constitutivo da 3ª Fase. Precisávamos de algo que realmente pudesse ser acessível aos interesses dos alunos e que os auxiliassem no desenvolvimento não apenas dos comportamentos adaptativos, mas, também subsidiasse o funcionamento acadêmico dos mesmos. Huizinga (s.d. apud KISHIMOTO, 2000) afirma que não tem como se referir à atividade lúdica sem a contextualização, pois esta contribui para a construção do processo de ensino e aprendizagem mais dinâmico e agradável ao sentido humano.

Assim, surgiu a opção por elaborar o jogo educativo intitulado “Caminho da Vida” (figura 1). Este material foi validado pelos alunos e professora regente da turma pesquisada. Santos (2000) aponta que os jogos proporcionam o ato de aprender brincando, onde o ambiente envolvido torna-se propício para contextualizar assuntos entre o professor-aluno e aluno-aluno.

**Figura 1** - Produto Educacional: Tabuleiro do Jogo Caminho da Vida



Fonte: Dados da Pesquisa

Pensando sobre quais mecânicas caberiam na composição do jogo, tendo em vista que o público assistido apresentava especificidade relativa às limitações significativas no funcionamento intelectual, fez-se a opção por poucas mecânicas bem como adaptações foram necessárias para atender o objetivo proposto, fato que possibilitou a melhor compreensão dos participantes no decorrer das partidas.

A partir da fonte específica (LUDOPEDIA, 2017), os autores dos jogos normalmente têm a preocupação de harmonizar o funcionamento da mecânica com a temática do jogo, tornando as regras mais intuitivas e a jogabilidade mais prazerosa.

## O Jogo

O jogo Caminho da Vida foi pensado para o público alvo da Educação Especial/deficiência intelectual a partir de 15 (quinze) anos de idade. O jogo deve ser composto por um número máximo de 12 (doze) participantes e um número mínimo de 4 (quatro) participantes. Pode ser aplicado mesmo quando houver um número ímpar de alunos em sala pois é configurado enquanto jogo de equipe e cooperação.

No jogo existe o Subsídio Teórico que é um apoio básico explicativo oferecido ao mediador a respeito de cada temática a ser trabalhada. Constitui-se enquanto elemento norteador feito para o mediador do jogo no que se refere às respostas dadas pelos jogadores, inclusive as respostas pessoais quando destoarem do critério de razoabilidade. Ficando assim, a cargo do mediador do jogo fazer a complementação da resposta, com a finalidade de garantir maior compreensão por parte dos demais participantes.

O jogo Caminho da Vida é entendido enquanto Jogo em Equipes/*Partnerships*. Esta característica marca o abandono da etapa egocêntrica da criança possibilitando desenvolver os relacionamentos afetivo-sociais. Tem estruturas competitivas que contêm elementos de cooperação, favorecendo a diminuição gradativa da competição. A existência desta característica facilita uma futura aplicação de jogos cooperativos, especialmente num contexto de aprendizagem.

Esse jogo não apresenta grande complexidade, porém, adotamos Cartas Perguntas que propiciaram uma reflexão sobre conceitos, comportamentos e hábitos ligados a 3 (três) categorias: Higiene e Alimentação; Autocuidado e Educação Sexual. As Cartas Perguntas do jogo Caminho da Vida são identificadas pelas cores: amarela; azul e vermelha, respectivamente fato que configura a Identificação a partir de Modelo/ *Pattern Recognition*.

São 22 (vinte e duas) perguntas que estão nas cartas de cor amarela e correspondem às questões sobre Higiene e Alimentação. São 20 (vinte) perguntas que estão nas cartas de cor azul que correspondem às questões sobre Autocuidado; e são 20 (vinte) perguntas que estão nas cartas de cor vermelha que correspondem às questões sobre Educação Sexual.

Existem as Cartas Pontuação que servem para pontuar as equipes, ganhando a equipe que acumular mais pontos. Estas cartas servem para fazer a contagem dos pontos, ou seja, deve existir uma Administração de Cartas/*Hand Management*. Elas são das mesmas cores das temáticas (amarelas, azuis e vermelhas) e existem para serem contabilizadas pelas equipes a cada resposta certa, porém, não contém perguntas.

Cada carta vale 1 (um) ponto quando computada separadamente e a Trinca de Cores que é composta de 1 (uma) Carta Pontuação azul; mais 1 (uma) Carta Pontuação amarela e; mais 1 (uma) Carta Pontuação vermelha que, juntas (uma de cada cor), valem 10 (dez) pontos.

Os participantes jogam com 1 (um) tabuleiro de mesa com dimensões consideradas para o plano horizontal tamanho A3 contendo dois circuitos/trilhas com 12 (doze) casas cada circuito Movimento Ponto a Ponto/*Point to Point Movement*.

O jogo contém 2 (dois) Peões a serem utilizados para cada tabuleiro que desempenham o movimento realizado no circuito/trilha. O jogo Caminho da Vida ainda pode contar com um (1) dado de 6 faces, sendo 2 (duas) faces com o número 1 (um); 2 (duas) faces com o número 2 (dois) e, as 2 (duas) faces restantes são o bônus e ônus do jogo; ficando 1 (uma) face para a estrela dourada que é o bônus do jogo e a outra face que é a estrela prateada atende ao ônus do jogo; identificando a mecânica Rolar e Mover/*Roll/Spin and Move* que se apresenta como lançar o dado e mover as peças de acordo com o valor obtido.

Considerando o bom relacionamento interpessoal da turma pesquisada, inserimos a mecânica de jogos denominada Troca/*Trading*. Quando o jogador da vez não souber dar a resposta

poderá realizar o revezamento com outro membro de sua equipe, de maneira a garantir a pontuação necessária. Esta conveniência possibilita o aumento da cooperação na equipe e oferece as mesmas oportunidades de jogar para todas as pessoas envolvidas. Assim, as equipes continuam jogando uma contra a outra, mas a importância do resultado é diminuída, a ênfase passa a ser o envolvimento ativo no jogo e a diversão.

### **Considerações Finais**

A questão levantada na presente pesquisa apontou para o fato de que a temática Educação Sexual necessita ser mais acessível, ter visibilidade em ambiente escolar em face dos que apresentam deficiência intelectual uma vez que, para os alunos considerados “normais” há maior diversidade de possibilidades quanto à aquisição, a reflexão e a construção de conceitos referentes à temática. Situação que acontece com frequência devido à iniciativa própria e variedade de ofertas em fontes diversas. Em contrapartida, para esse público alvo da Educação Especial, a busca por canais informativos bem como o manejo destas informações pode não ocorrer com facilidade ou com frequência.

Pensando nas peculiaridades que envolvem a aprendizagem de pessoas com deficiência intelectual e sobre a delicadeza e entremeios que envolvem as demandas da Educação Sexual, entendemos que para melhor compreensão, interação, construção e acomodação do conhecimento científico seria necessário pensar em uma estratégia lúdica que abarcasse a contextualização referente às fases da vida humana com mais fluidez.

Nesse seguimento, fez-se a opção de construir um jogo educativo em que as categorias/níveis que o compõem foram agrupadas a partir da conveniência dos alunos/as. Portanto, o produto educacional configurado como jogo educativo e intitulado de Caminho da Vida foi editado como um percurso de vida saudável e sua constituição se dá por categorias/níveis, a saber: Higiene e Alimentação na infância, Autocuidado na adolescência e Educação Sexual na vida adulta, considerando inclusive a juventude, sendo constituídas no fundamento de interesses dos alunos/as.

Houve satisfação dos alunos, não só por participarem de uma atividade que foge do modelo tradicional de ensino, mas também por eles visualizarem a possibilidade de trabalhar conteúdos conceituais e comportamentais comuns a seus pares, além do jogo incentivar a adoção de atitudes críticas sobre a abrangência das temáticas de fases da vida humana.

Tivemos a percepção de que os conteúdos mais frequentemente trabalhados em contexto escolar ou que já ganharam caráter de indispensabilidade no planejamento anual como higiene e

alimentação são facilmente percebidos tanto no perfeito discurso proferido pelos alunos/as do público pesquisado como nas ações rotineiras percebidas do contexto escolar. O discernimento se confirmou quando as respostas dadas pelas perguntas acauteladas no primeiro nível (Higiene/Alimentação) do jogo aconteceram com fluidez.

Quanto ao critério fluidez nas respostas do segundo nível (Autocuidado), tivemos uma perceptibilidade menos enfática. Pode-se afirmar que os conteúdos pertencentes ao segundo nível são considerados de modo mais esporádico em projetos escolares realizados durante o ano, tais como educação para trânsito e incentivo à prática de esportes. E, quanto aos conteúdos expressados no terceiro nível do jogo, percebemos que se não fosse a construção coletiva do mesmo, muito provável que, quase nenhum conhecimento a respeito de questões atinentes à Educação Sexual estaria sendo trabalhado. Nessa ótica, as temáticas que antecipam uma formação em Educação Sexual serviram como termômetro diante da necessidade de se pensar ações nestes termos.

Aceitamos que as pessoas com deficiência intelectual desta pesquisa, a partir das categorias/níveis trabalhadas pedagogicamente na escola, puderam depreender níveis mais altos de discussões também fora da escola porque, a partir de então, tiveram subsídios para uma formação intelectual com nível mais subjetivo como: conquista de valores alusivos à cidadania, construção coletiva do conhecimento científico, quebra de preconceitos e consciência em defesa da existência de uma vida afetiva mais independente e autônoma, ainda que de modo embrionário.

Nesse sentido, paulatinamente, as pessoas pesquisadas, se apropriaram de conceitos que foram além dos conteúdos demandados em Educação Sexual. A conquista deste trabalho trouxe, inclusive, visibilidade às ações positivas que ocorrem dentro do ponto de vista da Educação Inclusiva escolar e social.

Demo (1988, p.17), seguindo este raciocínio, afirma que “participação é conquista. Não é doação, dádiva, presente. Nem imposição. Nunca é suficiente. [...] Se, assim é só pode ser conquista: criar seu projeto próprio de autopromoção [...]” e define autopromoção como “a característica de uma política social centrada nos próprios interessados, que passam a autogerir ou pelo menos a co-gerir a satisfação de suas necessidades, com vistas a superar a situação assistencialista de carência de ajuda”.

A *priori* fica esta contribuição ao trabalho desenvolvido em sala de aula quanto ao que se refere à aplicação de conteúdos pertinentes à Educação Sexual, em jovens e adultos que apresentam déficit intelectual de uma escola Municipal da Baixada Fluminense /Rio de Janeiro. Podendo não ser a única maneira de se analisar a questão, mas é uma boa interpretação para a democratização de informações a este respeito.

## Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Trad.: Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro, São Paulo: Edições 70, 2016.
- BASTOS, Olga Maria; DESLANDES, Suely Ferreira. Sexualidade e o adolescente com deficiência mental: uma revisão bibliográfica. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**. 2005. Fiocruz. 389-397.
- BORDA, Orlando Fals. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado do papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Pesquisa Participante**, 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. P. 42-62.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial**. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP, 1994.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural/Orientação Sexual**. Secretaria de Educação Fundamental Brasília: MEC/SEF, 1997.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér Educação escolar de deficientes mentais. **CEDES Cadernos** v.19 n.46, Campinas, Set. 1998, p.1-8.. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-326219980003000..21/8/2008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-326219980003000..21/8/2008)
- DEMO, Pedro. **Avaliação qualitativa**. São Paulo: Cortez, 1988.
- FIGUEIRÓ, Mary N. D. Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. 2004. p.1-21 **Periódicos UDESC**.
- \_\_\_\_\_. Mary N. D. **Formação de Educadores Sexuais**: adiar não é mais possível. Campinas, SP: Mercado de Letras; Londrina. Eduel, 2006.
- HOFFMANN, Sônia Berenice; CHAGAS, Eva Regina Carrazoni. Corpo, Sexualidade e Deficiência. **Revista Movimento** - Ano III - Nº 5 - 1996/2. p. 1-7.
- KISHIMOTO, Tizuko M. O jogo e a educação infantil. In: KISHIMOTO, Tizuko M. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000, p.13-43
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 23 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- PIECZKOWSKI, Tania Mara Zancanaro Educação sexual de pessoas com deficiência mental **Revista Educação Especial**, n.30, 2007, p. 1-9.
- PLETSCH, M.D.; LUNARDI-MENDES, G.M.; HOSTIS, R.C.L. (orgs). **A escolarização de alunos com deficiência intelectual**: políticas, práticas e processos cognitivos. São Carlos – SP: Marquezine e Manzini: ABPEE, 2015. 250p.
- SANTOS, Santa Mari Pires. Espaços lúdicos: brinquedoteca. In: SANTOS, Santa M.P. (Org.). **Brinquedoteca – a criança, o adulto e o lúdico**. Petrópolis: Vozes, 2000. p.156-167.